

De Ossónoba a Balsa

Subsídios para o estudo da via romana que ligava as duas cidades e localização de Ossónoba

J. Fernandes Mascarenhas

in “Elementos de arqueologia sobre o Algarve (dos romanos aos árabes, na zona central da província)”, pp. 7-25, Col. Por Terras do Algarve, Ed. autor, Tavira 1967

Apresentação

A contribuição de José Fernandes Mascarenhas para a arqueologia algarvia tem sido imensa.

Para além da recolha e preservação de centenas de artefactos, descreveu um grande número de estações inéditas, produzindo, por si só, a maior parte da carta arqueológica conhecida do concelho de Olhão, com destaque para a sua freguesia de Moncarapacho.

Os diversos opúsculos e artigos de jornal que publicou nas décadas de 1950 a 80, contribuíram decisivamente para a divulgação da história, do património, dos costumes e da toponímia daquele concelho.

Entre as suas descobertas arqueológicas mais significativas destacam-se o marco miliário de Bias e a estação de fornos anfóricos de Alfanxia, ambas da Época Romana.

O texto seguinte é a transcrição do seu artigo sobre o marco miliário de Bias, o único até hoje encontrado no Algarve.

Neste artigo o autor descreve interessantes detalhes da descoberta do marco, refere vestígios romanos no local, noticiando uma estação arqueológica romana inédita em Bias do Sul, e elabora sobre o percurso da via romana entre *Ossonoba* e *Balsa* e o seu ajustamento ao Itinerário Antonino.

I

Numa das visitas de estudo do Professor Doutor José Leite de Vasconcelos ao Algarve, coube-nos a honra de o receber em Moncarapacho, aonde propositadamente se deslocou, em companhia



do Dr. Francisco Fernandes Lopes, para colher elementos destinados aos seus trabalhos de etnografia portuguesa.

Como, porém, ao mesmo Professor se tornasse difícil permanecer aí mais do que umas escassas horas, prometemos enviar-lhe todos os apontamentos que, sobre a matéria, nos fosse possível coligir, bem como uma inscrição romana, inédita, de que recentemente havíamos tido conhecimento, num passeio que demos ao sítio de Bias do Sul, da referida freguesia.

Copiada com imensa dificuldade e imperfeitamente, quer devido aos meios de que dispúnhamos, quer, sobretudo, ao martelo do canteiro que a picou, utilizando-a, depois, numa nora aberta na propriedade onde foi achada, mesmo assim não quisemos deixar de a enviar ao Professor Leite de Vasconcelos.

Em resposta recebíamos, poucos dias depois, um dos seus clássicos postais, no qual não só acusava a recepção dos apontamentos, como se pronunciava sobre o valor da inscrição, nos termos seguintes:

“Vejo que não esqueceu o prometido e estou-lhe muito grato pelo seu bilhete e apontamentos.

A inscrição é boa, refere-se a um Imperador Romano, porém só nela entendendo *Pontifici Maximo*; é preciso copiá-la o melhor possível.....”

Entretanto, fomos para Lisboa e nunca mais se proporcionou uma oportunidade de voltar ao local, além de que, estávamos convencidos da impossibilidade em conseguirmos uma cópia mais exacta, pelas razões anteriormente apontadas.

Em Lisboa, ainda visitámos o Professor Leite de Vasconcelos, que se dignou honrar-nos com sua amizade. Falou-se de muita coisa sobre o Algarve, mas nunca mais se tomou a focar, em especial, o assunto da inscrição.

Alguns anos depois verificava-se a perda desse Mestre e, só ultimamente, depois de retermos o trabalho *Povos Balsenses sua situação geographico-physica*, de Estácio da Veiga, e da recolha de elementos arqueológicos a que temos procedido, nos dispusemos voltar de novo ao assunto da inscrição que, em boa verdade, nunca o tínhamos perdido completamente de vista. Havia em nós a intuição de que esse documento epigráfico alguma luz poderia trazer sobre a passagem dos romanos no Algarve, pelo que resolvemos voltar de novo ao sítio onde se achava a pedra. E lá estava ela, precisamente na mesma posição; porém, desta vez com a nora já em ruínas.



Em vão tentámos um decalque; mas, apesar disso, não demos os passos por mal empregados, pois que, com a água utilizada na operação, as letras desenharam-se, desta vez de forma mais nítida, o que permitiu copiá-la integralmente e fotografá-la.

A seu respeito disse-nos o sr. José Neves Júnior, seu proprietário, o seguinte: quando há 50 anos procediam a uma cava bastante profunda no terreno onde se encontra a nora, a meio metro aproximadamente, depararam com uma coluna assente numa base de pedra tosca, que ainda aí estava no mesmo sítio.¹ A coluna tinha numa das faces, frases que nenhuma das pessoas que então a viram conseguiu traduzir e, junto dela, encontraram-se vestígios de construções, tais como caboucos espessos e bocados de telha e tijolo muitíssimo grossos.

Como ninguém nessa altura se tivesse interessado pela pedra e ela fosse aparelhada, resolveram utilizá-la na nora que posteriormente aí se abriu, pelo que lhe cortaram um bocado na parte superior, com que revestiram algumas peças da mesma nora. Esses bocados foram-nos *in loco* indicados.

É claro, dizia-nos o nosso entrevistado: nesse trabalho, desapareceram *a era e muitas letras!*

II

Antes de transcrevermos e traduzirmos a inscrição, abramos um parêntesis, para dizermos alguma coisa sobre Bias do Sul, o sítio onde foi encontrada.

O topónimo Bias, deve ser muito antigo, embora o Professor Leite de Vasconcelos o considere como o plural de Bia, hipocorístico de Maria, no Algarve e no Alentejo² e, portanto, segundo essa versão, moderno.

O nome Bias aparece-nos já no século XVI³ e em Bias do Sul, assinala-nos a *Carta Arqueológica do Algarve (Vol. XV do Archeologo*

¹ Acedendo ao nosso pedido, teve o sr. José Neves Júnior a amabilidade, que muito lhe agradecemos, de nos oferecer a referida pedra, sob a condição, aliás justa, de colocarmos no seu lugar uma outra destinada a idêntico fim. A sua remoção para a nossa residência do Algarve, verificou-se no início de 1950 e aí se encontra como uma das peças destinadas a uma Sala-museu que, desde há muito, pensamos organizar na nossa terra natal, evitando-se assim que se percam alguns valores arqueológicos, históricos, artísticos e etnográficos. Desse serviço encarregaram-se os nossos tios srs. António Mascarenhas e Manuel Eusébio, já falecidos, a nossa prima D. Cristina Amélia Eusébio e o sr. João da Costa, a quem de igual modo ficámos muito gratos.

² Etnografia Portuguesa, Lisboa, 1953, Vol. li, pág. 268.

³ 1.º Livro dos Assentos Paroquiais de Moncarapacho, fls. 58 v.



Português - Lisboa, 1910) vestígios romanos de povoação extinta ou arrasada.

Quanto a nós, este topónimo é talvez de origem grega, o que não nos pode surpreender, se tomarmos em conta a sua localização e nos lembrarmos que, em Balsa, cidade pré-romana romanizada, apareceu uma inscrição em linguagem grega⁴ e que, nas muralhas da cidade de Faro, se achou uma lápide procedente de Ossónoba, também cidade pré-romana romanizada, contendo nomes de libertos de origem grega, cujo estudo e publicação se ficou devendo ao Dr. Mário Lyster Franco e dando-se até a particularidade curiosa, do cognome grego *Chrysantus*, aparecer simultaneamente nessa lápide e noutra descoberta em Marim (não muito longe portanto de Bias), esta pertencente ao sr. Abílio José Gouveia⁵.

O topónimo Bias, em pleno litoral algarvio e junto ao mar é, segundo os Recenseamentos Gerais da População Portuguesa, único no país.



Por outro lado, quer a respectiva vegetação constituída, em grande parte, por oliveiras muito velhas, quer o achado de imensos materiais de construção de tipo romano, muito próximo do mar, segundo nos informou o dono da propriedade onde a inscrição foi descoberta, vestígios aliás assinalados na *Carta Archeológica do Algarve*, como vimos anteriormente, sobretudo tijolos, com que muitos habitantes de Bias do Sul fizeram construções - tal a

quantidade ! - quer, finalmente, a descoberta do resto de uma grossa coluna⁶ bem aparelhada e anepígrafa que foi remo vida para um pequeno valado donde a fizemos levantar com o auxílio do nosso

⁴ S. P. M. Estácio da Veiga, Povos Balsenses, Lisboa, 1866, pág. 24 a 23.

⁵ Uma inscrição inédita de Ossónoba, “Costa de Oiro” (Revista do Algarve) — Números 64-65, de Abril e Maio de 1940.

⁶ Essa coluna, mutilada numa das extremidades, talvez tivesse feito parte de qualquer edifício que existiu junto da via romana. Possivelmente, com outra idêntica, sustentou o tecto de algum pátio fronteiro a esse hipotético edifício.



primo e amigo agente técnico de engenharia Esménio da Silva Assis *Nora com o marco miliário fixado* que nos acompanhou ao local e, segundo a nossa indicação, tirou as fotografias que ilustram este trabalho, tudo isto é prova evidente de que aí viveram os romanos e, entre eles, talvez muitos escravos e libertos de origem grega. A própria tradição local, conforme verificámos, refere-se a uma hipotética cidade de Bias, junto ao mar e um pouco abaixo do lugar onde apareceu a inscrição.

Bias, segundo a mitologia grega, foi o nome de um filho de Amitaon e de Idomencia, ao qual se prende uma lenda e, também, de um dos sete sábios da Grécia, nascido em Priene (VI s. a. de J.C.).

Filósofo, grande orador e profundo conhecedor de leis, Bias teve um dia de emigrar para a Sardenha, após a vitória dos persas. Foi nessa ocasião que Bias, segundo se conta, sem se preocupar com os preparativos da viagem, teria pronunciado a seguinte frase que ficou célebre: “eu levo tudo comigo”.⁷

Sendo Bias porventura um topónimo grego, qual teria sido a sua verdadeira origem? Não o sabemos; todavia, cremos tratar-se de um nome próprio posto possivelmente pela tripulação de algum barco helénico, ou devido a qualquer homem dessa origem que aí habitou⁸.

III

Descritas as condições em que a pedra foi encontrada e após este breve parêntesis, vamos, seguidamente, proceder à sua leitura e classificação.

Existindo a alguns metros ao sul da estrada nacional que liga Faro a Vila Real de Santo António, essa pedra, pelo que resta do texto da sua inscrição, pela sua configuração e, ainda, pelo sítio e circunstâncias em que foi achada, é um *marco miliário*, do género de muitos que têm aparecido, sobretudo ao norte do país.

Por se tratar, segundo cremos, de um dos raros exemplares do género, descobertos no litoral algarvio, constitui este miliário um valiosíssimo subsídio para o estudo dos romanos, como iremos ver.

⁷ Nouveau Larousse Illustré, tome deuxième, pág. 60 e Encyclopaedia Britannica, Vol. 3, pág. 498 e Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. IV, pág. 638.

⁸ Conforme acentua o Dr. José Pedro Machado, no seu interessante ensaio *As origens do Português*, torna-se realmente bastante difícil distinguir os termos que foram trazidos para a Península directamente pelos gregos daqueles que, tendo a mesma origem, faziam já parte do vocabulário latino.



Não muito distante da estrada nacional, o *marco miliário* parece-nos vir confirmar a direcção que seguiria a via romana que ligava Ossónoba a Balsa e Baesuris, mais ou menos prevista por Estácio da Veiga, como resultado da localização de vários documentos epigráficos de carácter sepulcral, colhidos nesta zona do Algarve.

Tais documentos, foram um cipo encontrado na torre de Marim, entre Faro e Tavira, outro respeitante a *Titus Manlius*, achado pelo Dr. Dymas Thadeu de Almeida Ramos, entre Moncarapacho e Fuseta, segundo a *Carta Archeológica do Algarve* a não muita distância do ribeiro da Fornalha com o ribeiro Tronco, um terceiro contendo uma inscrição em linguagem grega, descoberto na fazenda do Trindade, em Santa Luzia (inscrição que, segundo Emílio Hübner, era no seu género, em 26 de Maio de 1861, a única conhecida em território português) e, finalmente, uma lápide que servia de soleira na porta da casa dessa propriedade⁹.

O traçado da via, junto ao litoral, admitido por Estácio da Veiga em face dessas lápides funerárias contendo saudações aos viadantes, deve estar certo, sendo também essa a orientação do *marco miliário*.

Acerca do cipo encontrado pelo Dr. Dymas Thadeu, devia o mesmo ter estado junto a algum caminho vicinal, *viae vicinalis* que, servindo a região de Moncarapacho, ia entroncar na via principal que ligava Ossónoba a Balsa.

O Prof. Luís Chaves, no seu artigo *As estradas arcaicas do Algarve*¹⁰, baseando-se no mapa do *Corpus Inscriptionum Latinarum* de Hübner (Vol. II, *Supplementum*) e no *Mapa Geral da Hispania* (Vol. 1), indica-nos também o traçado da estrada que ligava Baesuris, Balsa e Ossónoba ao longo da costa, o que é absolutamente admissível, pois, essas cidades, na opinião dos escritores antigos e contemporâneos que se têm dedicado ao assunto, eram cidades marítimas¹¹.

Por sua vez, o General Vitoriano José César dá-nos o mesmo traçado, quando, a propósito da invasão árabe na Península e da retirada da guarnição visigótica pela via romana que se dirigia por Niebla às bocas do Guadiana, nos informa que “Passado este rio, a via romana bifurcava-se: um ramo ia ao longo da costa em direcção a *Ossónoba*; outro seguia paralelamente ao Guadiana, para depois ir a

⁹ Estácio da Veiga, ob. cit., pág. 22 a 29.

¹⁰ Boletim da junta de Província do Algarve, I, 1942.

¹¹ António Garcia y Bellido, *España y los Españoles hace dos mil anos - Según la geografía de Strábon* (Colección Austral); Mário Lyster Franco, *A Pesca do Atum na Costa do Algarve - Achegas para a sua história*, Faro, 1947, etc.



Beja”¹².

O achado deve pois classificar-se:

Marco miliário de 1,80 m de altura, aproximadamente, por 0,35 m de largura, em calcário, colhido no sítio de Bias do Sul, freguesia de Moncarapacho, concelho de Olhão, na propriedade do sr. José Neves Júnior, contendo uma inscrição mutilada, disposta em quatro linhas.

.....

.....

AVG PON

T IFI CIM

AXIMO

M. P. X

Marco miliário (fragmento)

Tradução:

.....

.....

AVG (VSTO) PONTIFICI

MAXIMO

MILLIA PASSUUM DECEM

A semelhança de outros monumentos deste género, na extremidade superior do marco miliário de Bias, que foi partida e tinha inscrições, devia ter figurado o nome do imperador que mandou fazer a via ou a reparou¹³. E do ponto onde o miliário esteve primitivamente até um outro determinado, distavam dez milhas (*millia passuum decem*), ou sejam 14,810 metros, visto cada milha romana conter mil passos e cada *passus major* dos romanos, segundo Dureau de la Malle,

¹² Ossónoba antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe, separata de Portvcale, Vol. IV, N.º 23, 1931, pág. 8.

¹³ José R. Mélida, *Arqueologia Española*, pág. 263; M. Cappela, *Milliarios do Conventus Bracar, em Portugal*, Porto, 1 95, pág. 25 e seguintes; Duro da Sylva, *Subsídios para a História do Minho—O rio Lethes e o Forum limicorum*, Lisboa, 1923.



corresponder a 1,481 m¹⁴ o que dá para cada milha 1481 metros.

Quanto aos restos de telhas e outros materiais de construção encontrados junto do marco miliário de Bias, deviam talvez ter pertencido a algum desses edifícios que os romanos colocavam junto das estradas. Tais edifícios eram, como se sabe as mansões, ou sejam pousadas que se destinavam sobretudo ao serviço dos correios e para os que viajavam devidamente autorizados pelo imperador, as quais eram administradas pelos *mancipes*; as *mutações*, lugares das mudas de menor importância, situadas com pequenos intervalos, e as *diversórias*, isto é, as casas construídas também ao longo das vias, destinadas, respectivamente, ou a receberem viajantes ou a hospedarem amigos¹⁵. De 15 a 20 pés de largura, eram essas estradas muitas vezes cavadas como se destinassem para leito de um rio e seguiam em regra linhas rectas, excepção feita apenas quando se verificavam obstáculos naturais¹⁶.

Tendo sido Augusto, o primeiro imperador que mandou gravar o seu nome e qualificação nos marcos mandados levantar por sua ordem, é pois certo que o *marco de Bias do Sul* foi mandado erguer ou por Augusto, ou por algum dos imperadores que lhe sucederam, cujo nome esteve com certeza gravado nessa pedra, em virtude dos qualificativos *Augusto Pontifici Maximo* que nos aparecem em tantos outros marcos que têm sido encontrados¹⁷. E todas estas vias principais iam ter a Roma, para o que Augusto mandou colocar no *Foram*, em frente do templo de Saturno, um marco dourado, onde se liam as extensões de todas as estradas que partiam de Roma¹⁸, verdadeira imitação do que os Pissitrátidas fizeram em Atenas, mandando fixar um marco miliário donde partiam numerosas vias. “Todavia as estradas gregas eram estreitas e o sistema de comunicações defeituoso”. “Na via sagrada de Elêusis fez-se uma calçada da largura que variava entre 2,50 m e 4,80 m, os veículos não podiam, portanto, cruzar-se em todo o percurso”¹⁹.

O mesmo já não se podia dizer das vias romanas *públicas ou militares*,

¹⁴ Estácio da Veiga ob. cit., pág. 10.

¹⁵ Joaquim Possidónio Narciso da Silva, *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa, 1878, pág. 32 a 36.

¹⁶ Idem, pág. 32.

¹⁷ Mário Cardoso, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento* (Ver a parte referente ao miliário N.º 4742 do *Corpus*, lido por Martins Sarmento), pág. 144 e M. Capela, ob. cit.

¹⁸ D. António José de Mello, *Archeologia*, 1906, pág. 42.

¹⁹ Gustavo Glotz, *História Económica da Grécia*, tradução da Inquérito, pág. 255 e 256.



consulares ou prètorianas, o caso presente, que tinham a largura de 15 a 20 pés²⁰ e vieram certamente a beneficiar da experiência dos gregos.

Ainda a propósito do cuidado com que os romanos traçavam as suas estradas, informa-nos José R. Mélida que com frequência, elas passavam “por donde van las modernas carreteras”²¹,

Calçadas da estrada romana que passava pelo litoral algarvio, pròpriamente não as chegámos a encontrar, o que aliás não admira, quer pelos terrenos terem sido muito revolvidos no decorrer dos séculos, quer principalmente por estarmos convencidos que essa estrada, na sua maior extensão, deve corresponder à actual estrada nacional, salvo num ou noutro ponto, onde essa coincidência não foi absoluta, como parecem atestar uns ligeiros vestígios de *estrada velha* que, segundo nos informaram em Bias, ainda se vêem em algumas propriedades.

Serão esses vestígios da estrada romana? Passaria ela um pouco ao sul da estrada nacional ou o marco foi deslocado para ali, embora a deslocação tivesse sido muito pequena?

De qualquer forma, estamos em crer que pelo sítio da actual estrada nacional, salvo um outro pequeno troço, deviam ter passado os romanos que provàvelmente construíram a primitiva via, os visigodos e depois os mouros, dos quais restam almenaras que, dispostas nas alturas, parecem indicar qual teria sido o traçado da estrada. Essas torres em ruínas são, entre outras, as da Alfaxia, Bias, Amoreira, esta próxima do poço do mesmo nome, ao qual se prendem cenas lendárias e em cujo fundo, se achou há anos, uma espécie de silo que chegámos a observar, a pedido do então veriador municipal sr. Joaquim de Sousa Neto.

IV

Relacionemos agora a medida gravada no marco, X milhas, com as distâncias do *Itinerário de Antonino Caracala*, que regista na Península 34 vias²² e que “forçoso é apreciar como verdadeiro”²³.

Antes, porém, vejamos alguns aspectos do problema da localização

²⁰ Joaquim Possidónio N. da Silva, ob. cit., pág. 35.

²¹ José R. Mélida, ob cit, pág. 265,

²² Idem.

²³ Estácio da Veiga, ob. cit., pág. 9.



das cidades de Baesuris, Balsa e Ossónoba em face do mesmo Itinerário.

Diz-nos o *Itinerário de Antonino* na parte respeitante ao Algarve e Alentejo o seguinte: “Inter de Esuri Pace Julia M. P. CCLXIII. Sic (Aliás 261 milhas).

Balsa M. P. XXIII
 Ossonoba M. P. XVI
 Aranni M. P. LX
 Rarapia (ou Raparia?) M. P. XXXII
 Eborá M. P. XLIII
 Serpa M. P. XX
 Arucci M. P. XXII
 Pace Julia M. P. XXX²⁴

Quanto à distância entre Balsa e Baesuris, diz-nos Estácio da Veiga que a diferença que se verifica em face deste Itinerário, resulta de se assinalar a essas duas cidades “logares diversos dos que tiveram na Lusitania, e de se ignorar o trajecto da estrada que ligava estas cidades com a de Ossónoba”²⁵.

De acordo com este célebre *Itinerário*, de Ossónoba a Balsa distavam 16 milhas, ou sejam 23 696 metros, visto a milha romana, *passus major*²⁶, como vimos anteriormente, corresponder a 1481 metros.

Admitindo-se que Ossónoba ficava situada no sítio do Milreu, em Estoi, como querem alguns dos nossos arqueólogos, em cujo número se contam Estácio da Veiga e Monsenhor Pereira Boto, constata-se que a distância que medeia entre essas cidades, não corresponde à que marca o Itinerário de Antonino.

“De Ossónoba a Balsa, diz-nos Estácio da Veiga, já sabemos que estabelece o itinerário romano 23.696 metros (16 milhas), e de Balsa a

²⁴ Vetem Romanorum Iteneraria sive Antonini Augusti — P. 426, Edição de 1735, cit. por Estácio da Veiga em Povos Balsenses, pág. 7 e Notícias Archeológicas de Portugal, pelo Dr. Emílio Hübner — Lisboa, 1871.

Segundo Hübner, “a estrada de Esuri para Pax Julia é das mais obscuramente indicadas no Itinerário”, pág. 54 e 35. Estácio da Veiga também o dá a entender quando indica, em os Povos Balsenses, a distância entre essas duas cidades.

²⁵ Estácio da Veiga, ob. cit., pág 10.

²⁶ Idem, pág. 10 e 11.



Esuri 35.544 metros (24 milhas); mas de Milreu a Faro e de Faro a Tavira há 39.000 metros, e de Tavira ao ponto fronteiro de Ayamonte



Coluna tombada

há uns 22.000 metros: portanto, de Milreu (onde os maiores indícios se manifestam da existência de Ossónoba) a Tavira (onde os geographos antigos dizem que esteve Balsa), há a mais 15.304 metros do que designa o itinerário romano, e de Tavira ao ponto fronteiro de Ayamonte menos 13.544 metros!²⁷

Descontando, porém, 6.000 metros, que é a distância que vai de Tavira à Torre de Ares e sítio das Antas, na freguesia da Luz, onde tantos vestígios romanos têm aparecido, o que levou o referido autor a inclinar-se que foi aí e não em Tavira que existiu Bal-

sa,²⁸ fica-nos mesmo assim uma diferença de 9.304 metros, bastante apreciável e discordante com o que nos diz o *Itinerário*.

Em resumo: com os elementos de estudo de que hoje dispomos sobre as vias romanas do Algarve, não se verifica a devida coincidência — como seria natural que se verificasse — entre as distâncias do Itinerário de Antonino e a distância que vai de Milreu à Torre de Ares (Balsa).

Assinalando o marco descoberto em Bias do Sul X milhas, certamente que se devem referir a Ossónoba, a cidade mais importante do Algarve no tempo dos romanos, tanto mais que de Bias a Balsa nunca podiam distar X milhas, ou sejam 14.810 m., isto é, 14 quilómetros e 810 metros e as capitais “serviam de ponto central para marcar as distâncias em todo o território.”

Mas não teria o marco sido deslocado doutro sítio para Bias do Sul?

A deslocação não é muito de admitir, quer por ter sido encontrado conjuntamente com a respectiva base, quer por outros motivos, como vamos ver. A ter sido deslocado, foi no sentido norte sul e nunca de

²⁷ Ibidem, pág cit.

²⁸ Ibidem, pág. 12 e 13.

oriente para ocidente e vice-versa, ou seja, longitudinalmente.

No entanto, admitamos a hipótese que o *marco miliário* foi deslocado longitudinalmente.

De Balsa a Ossónoba sabemos já que, segundo o *Itinerário de Antonino*, iam XVI milhas e não há a menor dúvida que Balsa foi no sítio da Torre de Ares, da freguesia da Luz de Tavira.²⁹

Suponhamos em primeiro lugar que o marco esteve colocado a oriente de Bias do Sul e, portanto, mais próximo de Balsa. Neste caso, daí a Ossónoba, nunca podiam ser X milhas, nem mesmo que a via fosse em linha absolutamente recta e considerando, de antemão, Ossónoba na região de Faro pois, no Milreu, nem é bom falar. Consequentemente, do *marco miliário* a Balsa, nunca podiam ser VI milhas, salvo se a via tivesse muitas curvas, o que, quer em face da Carta Archeologica do Algarve, quer da própria tendência dos romanos em traçarem tanto quanto possível as vias em linha recta, não é de considerar.

Admitamos agora que o *marco miliário* esteve a ocidente, donde teria sido deslocado para Bias do Sul.

Desse local em relação a Balsa, nunca podiam ser VI milhas, nem mesmo em linha rigorosamente recta; e em relação a Ossónoba o mesmo se passava.

Sendo Ossónoba na região de Faro não se verificariam X milhas, a não ser com várias curvas, mas, em contra partida, ficava a distar demasiadamente em relação a Balsa.

Por outro lado, admitindo que Ossónoba foi no Milreu, teria o marco que ter sido deslocado de muito longe para Bias do Sul e, a verificar-se isto, que seria absurdo, do hipotético local onde estaria fixado, ainda muito menos iriam VI milhas a Balsa!

Nesta conformidade, não tendo o marco sido também deslocado nesse sentido e de Bias do Sul à região de Faro, são aproximadamente X milhas romanas, é de crer que tivesse estado sempre mais ou menos no mesmo sítio e, portanto, as X milhas devem referir-se a Ossónoba, mas Ossónoba na região de Faro, o que vem confirmar a corrente hoje mais seguida (Prof. Doutor Virgílio Correia, Dr. Mário Lyster Franco, Dr. José Formosinho, Abel Viana,

²⁹ Povos Balsenses, ob. cit., e Leite de Vasconcelos, Etnografia Portuguesa, Vol. II, pág. 364, que nos diz: “As ruínas que ficam perto de Tavira, na quinta da Torre D'Ares, correspondem a Balsa, cidade pré-romana romanizada.”



etc.), baseada nos documentos epigráficos romanos descobertos nas muralhas de Faro e em vestígios, de idêntica origem, achados no Largo da Sé da mesma cidade algarvia.³⁰

E sendo assim, pergunta-se: Ossónoba ficaria precisamente na cidade de Faro ou nos seus subúrbios?

Ossónoba no recinto circundado pelas muralhas de Santa Maria de Faro, é hipótese a que não nos inclinamos muito. Na região de Faro como a própria medida do marco confirma, sem dúvida, mas não em Santa Maria propriamente.

Se assim fosse, não faria sentido a afirmação de *Ibne Alabar*, citada pelo Prof. Doutor David Lopes, num dos seus trabalhos:

: “Ossónoba não parece ser a mesma povoação que os Árabes chamavam *Santa Maria*, porquanto Ibne Alabar nos diz que esta era o porto daquela”, acrescentando o mesmo Professor, “mas as inscrições latinas que têm sido encontradas nas muralhas de Faro provam que não deveria ser longe.”³¹

Por outro lado *Becre*, filho de Tahia, que formara um principado em Ossónoba, transferiu a sua residência para Santa Maria de *Faroún*, ou *Faroón*, que mandou fortificar, cercando-a de muralhas e pondo-lhes portas de ferro, por a cidade de Ossónoba estar nessa altura em plena decadência. E Santa Maria devia ter tomado importância, quando aí se foi estabelecer o príncipe Mohammed ben Said ben Hárun, de uma família ilustre de Mérida.³²

Mas pode objectar-se: como é possível Ossónoba ter sido nos arredores de Faro, se quando se pavimentou o Largo da Sé dessa cidade algarvia, se encontraram imensos vestígios romanos que uma exploração poria completamente a descoberto e a propósito dos quais o sr. Abel Viana, escreveu artigos que reuniu num opúsculo que, sem dúvida, é uma valiosa achega para o estudo do intrincado problema da localização de Ossónoba?³³

Além disso dirão: nas muralhas de Faro têm sido encontradas várias lápides de Ossónoba, umas estudadas pelo Dr. Mário Lyster Franco

³⁰ Abel Viana, Restos de Ossónoba, no Largo da Sè de Faro — Separata dos N.os 39 a 46 da Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores — 1949.

³¹ Os Árabes em Herculano, pág. 43-44, cit. pelo Prof. Leite de Vasconcelos, no Vol. 11 da Etnografia Portuguesa, pág. 370.

³² Vitoriano José César, Ossónoba antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe, ob. cit., pág. 12.

³³ Abel Viana, ob. cit.



que, com tanto brilho, tem defendido a localização de Ossónoba em Faro³⁴ e outras, ainda, mais antigas, como a que foi assinalada no século XVI por Rezende, entre a porta nova e a edificada pelo alcaide-mór Ruy Barreto.³⁵

O facto de existirem tantos vestígios romanos em Faro, parece-nos provar que Ossónoba não foi no Milreu, pois, os árabes não iam tão longe buscar a quantidade de materiais de construção encontrados, para edificarem as muralhas, no tempo de Becre, salvo três colunas de mármore, encontradas no castelo de Faro, que, segundo o Dr. Coelho de Carvalho, correspondiam a umas bases existentes no Milreu.³⁶

A localização desses restos em tão grande quantidade, pode explicar-se da seguinte maneira:

Devido à falta de pedra na região de Faro, os árabes teriam feito construir, não só as muralhas mas grande parte dos edifícios de Santa Maria, com materiais da antiga e a ruína de Ossónoba, que não ficaria muito distante. Além disso, sendo Santa Maria, segundo *Ibne Alabar* porto de Ossónoba, deveria ter tido também edifícios de construção romana, até mesmo qualquer *templum*.

Na mesma ordem de ideias escreve o Dr. José Garcia Domingues, especialista de reconhecido mérito em questões arábicas, num artigo publicado no número extraordinário do jornal “Novidades”, de Outubro de 1931:

“De qualquer modo, temos que pelo século X, existia no local da velha Faro, uma povoação com o nome de Santa Maria, habitada por uma população de *moçárabes*, cristãos em terra islâmica, e que tirava o seu nome de uma imagem de Nossa Senhora colocada sobre as muralhas acima da porta do mar, porta que ainda hoje existe embora já lá se, não veja a secular imagem, que alguns supõem ser a que se encontra sobre a porta da igreja da Misericórdia, dado o seu primitivismo escultórico.

Qual a origem desta povoação de Santa Maria? Não há dúvida de que esta povoação era de origem romana.

³⁴ Unia inscrição inédita de Ossónoba “Costa de Oiro”, revista cit. e em outros trabalhos.

³⁵ Ataíde d'Oliveira, Monografia do Concelho de Olhão, pág. 40.

³⁶ Leite de Vasconcelos, Etnog. Port. ob. cit., pág. 370.



As escavações feitas no Largo da Sé demonstram que nesse local houve uma povoação romana à qual pertencem um templo dedicado a Augusto pelo sacerdote pagão de Ossónoba.

Era a própria Ossónoba, uma povoação que lhe servia de porto, como parece pretender Ibene Alabar?

Inclinamo-nos para esta última opinião que julgamos indirectamente confirmada pelo dizer de um outro autor árabe, Ibne Balada, quando referindo-se a Salia Ibne Becre Príncipe de Santa Maria afirma que ele dotou esta cidade de muralhas e lhe deu portas de ferro.

Não seria lícito supor que, se se tratasse de Ossónoba, falaria de reconstrução das muralhas e não de construção, em termos em que parece dever admitir-se que a cidade nunca as tinha tido o que para Ossónoba seria inadmissível.

De resto nas muralhas de Faro foram encontradas muitas pedras e inscrições de Ossónoba, mas o trabalho tem todo o ar de improvisação bárbara, o que não sucederia certamente na própria Ossónoba onde os vestígios do antigo diriam algo quanto ao futuro.”

Por seu turno, o mesmo autor, no seu trabalho *O Garb Extremo do Andaluz e “Bortugal” nos historiadores e geógrafos árabes*, separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 7-12, de Julho-Dezembro de 1960, pág. 342, informa-nos que Ar-Râzi, no século X

fala ainda de Ossónoba e Al-Maqqari diz que Ossónoba é nome de distrito e cidade. E acrescenta que “Santa Maria era porto de mar. Ibn Alabar afirma que era porto de Ossónoba. Supomos ser esta versão mais admissível. Ossónoba devia ter existido na região. Santa Maria teria surgido da necessidade de se fortificar o porto que servia a cidade.”



Inscrição do marco miliário

Ultimamente, pronunciou a escritora algarvia Dr.^a Maria-

na Amélia Machado dos Santos uma conferência na Casa do Algarve em Lisboa, sob o título “O Arco do Repouso e o Castelo de Guimarães são padrões únicos na história de Portugal”, na qual afirma em dada

altura que “em seu entender, Ossónoba devia designar uma região e não apenas uma cidade.”

Quanto a nós devia designar uma e outra coisa, até porque os marcos miliários romanos quando indicavam as distâncias eram sempre em relação a uma determinada cidade ou povoação e não a uma região.

O relato dessa conferência vem publicado no *jornal do Algarve*, de 23/4/1966 e em outros jornais do Algarve.

No respeitante às ruínas do Milreu, as quais durante tantos anos foram tidas como sendo de Ossónoba, são hoje quase geralmente aceites como as ruínas de qualquer mansão de luxo com o seu balneário, o seu *templum* e outras construções anexas³⁷ para onde os habitantes de Ossónoba, sobretudo, e outras cidades romanas do Algarve, iam passar a temporada calmosa.

As termas de Mérida, por exemplo, também não ficavam propriamente dentro da cidade, se bem que não muito distantes!

Ora sendo Ossónoba uma cidade marítima e, à semelhança de Asta, Nábrissa, Onoba, Mainoba e outras mais, situada, segundo o geógrafo Strabão, num estuário,³⁸ supomo-la, pelas razões anteriormente expostas, nos campos marginais do Rio Sêco quase junto à foz que, nesses tempos, devia ser navegável numa certa extensão. Não até Estoi, aonde o mar, como querem alguns autores, teria chegado³⁹ e que o enorme cataclismo de que fala Paulo Orósio, fugido em 413 de Braga à perseguição dos Suevos⁴⁰ para junto de Santo Agostinho, Bispo de **Hipona**, afastou para longe; mas sim, numa certa extensão.

Mas, dir-se-á; aí não se encontram vestígios romanos. Não se encontram hoje, mas já se encontraram noutros tempos!

As *Antiguidades Monumentais do Algarve* de Estácio da Veiga referem-se, no seu Vol. II a ruínas romanas no sítio do Amendoal, próximo, portanto, do Rio Sêco.

³⁷ Mário Lyster Franco, As ruínas romanas do Milreu e os últimos trabalhos nelas realizados (separata do Boletim da junta de Província do Algarve, 1, 1942) - Lisboa, 1943.

³⁸ Ibéria (Livro III), em Espana y los Españolos hace dos mil años, de António Garcia y Bellido. ob. cit., pág. 86.

³⁹ Toda a região do Rio Sêco até Estoi, é constituída por terrenos essencialmente argilosos e calcários, duma grande fertilidade. E toda ela uma região de regadio, com inúmeras hortas até à Conceição de Faro e daí até Estoi, em menor número, o que equivale a dizer que não é composta por terrenos salgados.

⁴⁰ P. Miguel de Oliveira, História Eclesiástica de Portugal”, 2.ª edição — Lisboa, 1948, pág. 27.



“Amendoal - diz o referido autor - Este sítio, mui próximo da obstruída foz do antigo Rio Sêco, onde explorei parcialmente uma opulenta *villa* ou granja romana, cujos edifícios tinham excellentes pavimentos de mosaico, que felizmente foram desenhados.”⁴¹ E mais adiante: “O sítio do Amendoal até o flanco direito da ribeira do Rio Sêco fica a nordeste de Faro e de Santo António do Alto em distância superior a 1 quilómetro.”

“Tem assentamento de povoação extinta desde a margem esquerda do ribeiro das Lavadeiras até à, linha da estrada vicinal da Garganta.”

“Em frente da portada da quinta do Fonseca tentei um reconhecimento nas ruínas que o solo quasi totalmente encobria e puz à vista um famoso edifício com oito pavimentos de mosaico, havendo no terreno muitos fragmentos de louças finas e grosseiras, de vasos de vidro, quinários do baixo império...”⁴²

Dum desses lindos mosaicos, em branco, verde, roseo e castanho, com a *swastika* e a cruz grega, flores brancas de quatro pétalas com o centro vermelho que se assemelham a flores de amendoeira e outros ornatos, fez Estácio da Veiga uma boa reprodução, a côres, na referida obra.⁴³

O facto de não se encontrarem hoje destacados vestígios à superfície não admira muito. Pela proximidade de Santa Maria, os materiais da arruinada Ossónoba, como se disse, teriam sido transportados quase todos para aí, além de estarmos convencidos que grande parte dos edifícios de Ossónoba deveriam ser de taipa, *constructio lutea ou parico formaceus*, processo de construção largamente usado pelos romanos e também muito empregado na região de Faro quase em nossos dias, devido à falta de pedra,⁴⁴ que vem de longe e, a taipa, destroi-se com

⁴¹ Ob. cit., pág. 389 e 390.

⁴² Idem, pág. 575 e 576.

⁴³ Ibidem, Vol. III (a ilustração está entre as págs. 34 e 35).

⁴⁴ Como nos arredores da cidade de Faro não há pedra, vão buscá-la para as construções a Bordeira (entre Santa Bárbara de Nexe e S. Ro-mão), Estoi, Guelhim, Cêrro de S. Miguel, etc.

Depois já deste trabalho elaborado apareceram nas ruínas do Milreu dois bustos romanos. A eles se refere o “Correio do Sul”, protestando, muito justamente, por terem sido levados para fóra da cidade de Faro.

São desse interessante semanário, arauto dos legítimos interesses do Algarve: “As ruínas do Balneário Romano do Milreu têm estado ultimamente em foco.”

O acidental achado de dois magníficos bustos, provocado por um corte de árvores um pouco atabiliariamente levado a efeito em obras de mera conservação e consolidação que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nela está realizando - bustos aqueles que foram precipitadamente levados para Évora, a título de um pretense estudo que em nada pode justificar a transferência.. (Jornal citado, N.º 2518, de 18 de Agosto de 1966).



mais facilidade que a construção em pedra, sobretudo no caso de se verificarem terramotos. As próprias muralhas de Faro, tão maltratadas e cheias de excrescências que lhe tiram muito do seu aspecto primitivo, têm também paredes em taipa, se bem que, revestidas de pedra externamente.

Não obstante a ausência de tais vestígios à superfície, tivemos conhecimento directo que, nos campos junto ao Rio Seco e Ribeiro das Lavadeiras — ribeiro por onde as águas do mar avançam em marés vivas, ainda hoje se encontram muitos restos de construções e moedas de vários imperadores romanos, três das quais nos foram oferecidas pelo Sr. Francisco Tomaz, caseiro da quinta do Amendoal.

Dizia-nos esse senhor que em redor das casas da propriedade se torna por vezes difícil lavrar a terra, pois o ferro da charrua vai esbarrar constantemente com bocados de tijolo e paredes.

Devemos ainda informar que esses campos, por mera coincidência, ficam precisamente na direcção e a não muita distância do sitio escolhido pelos técnicos, para a zona de abrigo do porto comum de Faro-Olhão.

Estamos certos que umas escavações profundas em toda essa área poriam a descoberto muita coisa de interesse para o estudo da arqueologia romana, nomeadamente sobre a localização de Ossónoba.

Observação - Este estudo, refundido e ampliado nalguns pontos, foi publicado, pela primeira vez, no suplemento "Letras e Artes" do jornal Novidades, de 16 de julho de 1950.



Adenda 1

Ficha epigráfica do Marco de Bias

por José d'Encarnação

in “Inscrições Romanas do *Conventus Pacensis*: subsídios para o estudo da romanização”, p. 720, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra 1984

660 - Foto

Ach: Bias do Sul, Moncarapacho, Olhão.

Par: Museu de Moncarapacho.

Miliário em calcário com a parte final da inscrição; em cima, o buraco de utilização como esteio duma nora; mais estreito em cima que em baixo; desbastado, de forma que se apresenta de secção quase quadrangular.

Dimensões: 140 x 39/50.

[...] AVG(usto) · PON/TIFICI · M/AXIMO / M(*ilia*) P(*assuum*) X (*decem*)

A ... Augusto, pontífice máximo. Dez milhas.

Alt. das letras: l. 1: 1:6 (O=5); l. 2 e 3: 5/6; l.4: 5,5 (X=8). Espaços: 2 e 3: 2; 4: 13; 5: 84.
MASCARENHAS (J. Fernandes), *Elementos...* 1967 p. 7-11. ARA II 1972 p.287-288.
ALARCÃO (J.) *Port. Rom.* 1974 p. 80 (ref.^a).

Tradicionalmente considerado como pertencente à via de Balsa a Ossoyba – ou, mais genericamente, de Lacobriga a Baesuris – assinalaria, pelo local onde foi encontrado, a distância até Faro, que é correspondente à actual. Esta opinião de Fernandes Mascarenhas é, de certo modo, contrariada por Jorge Alarcão, que sustenta dever a distância “contar-se a partir de Balsa”.

Há, imediatamente acima de l.1, vestígios de traços: como a pedra começou a ser desbastada exactamente aí torna-se difícil discernir se são actuais ou se pertencem ao primitivo letreiro. Nas linhas superiores estaria logicamente o resto da identificação do imperador, que, pelos títulos e pala correcção da gravação e do desenho dos caracteres, poderá ser algum da dinastia júlio-cláudia, inclusive o próprio Augusto, dada a importância atribuída ao cargo sacerdotal grafado por extenso; nas três primeiras linhas poder-se-ia ler algo como IMP CAE/SARI DIVI F.

De qualquer modo, para além da sua importância como indicador duma via, este marco atesta o interesse de Roma pela região logo nos começos do Império.

Adenda 2

Sobre o Marco de Bias

por Vasco Gil Mantas

Extraída de “Os caminhos da serra e do mar” in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, p. 316-7, I.P.P.A.R., Lisboa 1997



Marco miliário de Bias

Um dos vestígios mais importantes da rede viária romana é, pela sua extrema raridade no Algarve, o marco de Bias do Sul, perto da Fuzeta, até agora o único conhecido na região (Encarnação, 1984, 720 [= IRCP 660])⁴⁵. O miliário foi encontrado nos anos 20, perto de um local cujo topónimo Canada de Bias recorda ainda a estrada romana entre *Balsa* e *Ossonoba*. Embora se encontre truncado, o miliário de Bias, em calcário e com 1,40m de altura, faculta preciosas informações, apesar do seu conciso letreiro: [...] AVG(usto) PONT/IFICI M/AXIMO / M(*illia*) P(*assuum*) X.

Sem eliminar definitivamente a hipótese de se tratar de um miliário de Augusto, atendendo ao relevo atribuído ao pontificado, julgamos –mais seguro situá-lo no período júlio-cláudio, talvez no principado de Cláudio, tanto mais que se trata de um miliário de fronteira, com a inscrição em dativo, a relacionar com a promoção de *Ossonoba* a município (Mantas, 1993, 524-525)⁴⁶. A distância de 10 milhas indicadas no miliário tem como *caput viae* a cidade de *Ossonoba* (Faro), distante 15 quilómetros de Bias do Sul...

⁴⁵ No caso de se tratar de um miliário de Augusto podemos atribuí-lo, como as moedas de *Ebora Liberalitas Iulia*, a 12 a.C., ano em que o imperador assume o pontificado.

⁴⁶ Mantas, V. - A cidade luso-romana de *Ossonoba* in “Actas del I Coloquio de Historia Antigua de Andalucia”, Cordova, 1993, pp. 515-537 [nota desta transcrição]

Adenda 3

O Museu Paroquial de Moncarapacho

Extraído de http://www.olhao.web.pt/visitar_moncarapacho.htm

O Museu Paroquial, anexo à Capela de Santo Cristo, deve a sua existência a numerosos donativos de particulares e à persistência do padre Isidoro Domingos da Silva.

Surpreende pelo conjunto de interessantes peças de arqueologia (pré-história, época romana e ocupação árabe), peças de etnografia, uma valiosa colecção de imaginária religiosa dos sécs. XVI a XVIII, e um relógio construído pelo famoso relojoeiro inglês John Harrison (criou o primeiro relógio que resolveu o problema do cálculo da longitude nas navegações oceânicas), de que só existem quatro exemplares no Mundo.

É, porém, o presépio napolitano do séc. XVIII - um dos mais antigos da Europa - a principal atracção do Museu. Composto por um total de 45 peças, representa a adoração do Menino Jesus. As figuras, com cabeça em terracota, pernas e braços em madeira, estão vestidas com sumptuosos trajes da época, a que não falta a presença da prata e do ouro.

Tem visitas guiadas em português, inglês ou alemão nos dias úteis das 11h às 17h, por 1,5€ (ano 2002).